

A RESPONSABILIDADE DO JOVEM BRASILEIRO COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO INTERCULTURAL NA GLOBALIZAÇÃO

Josiane Barbieri
Érico de Azevedo

A globalização coloca, para os jovens, crescentes desafios em um ambiente sempre mais competitivo, onde fronteiras culturais são atenuadas pela acentuado intercâmbio que ocorre através da internet, da música, da moda, dos bens de consumo etc. Jovens de todas as partes do mundo, de fato, passaram a conviver e competir em um único mercado de trabalho globalizado. O jovem pode assumir o papel-chave de protagonista responsável no desenvolvimento intercultural mundial ou tornar-se objeto de consumo do mercado global. O Brasil, neste sentido, é um país privilegiado, pois é uma nação que já integra diversas etnias culturais que convivem em harmonia desde os seus primórdios. O trabalho apresenta os dados obtidos por meio de questionário relativos ao nível de empreendedorismo e intercâmbio cultural de 18 jovens brasileiros no contexto internacional que realizaram intercâmbio. Estes resultados são analisados por meio de método descritivo-estatístico. Posteriormente, foi realizada a pesquisa com 48 jovens que experienciaram o residence. A pesquisa apresenta o instrumento de intervenção da escola ontopsicológica, *residence*, que é uma nova abordagem que demonstrou propiciar o aumento da responsabilidade do jovem como elemento fundamental para o desenvolvimento de uma interculturalidade com visão humanista integral.

Palavras-chave: Jovens, responsabilidade, interculturalidade, *residence* ontopsicológico.

1. O JOVEM E A GLOBALIZAÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho nasceu da tomada de consciência de que a juventude, especialmente no atual contexto social, econômico e político, mereceria um enfoque específico, sobretudo no que tange aos aspectos da responsabilidade individual e do desenvolvimento pessoal.

Muitos jovens têm utilizado diversas formas de intercâmbio em outros países, ou por meio de trabalho e/ou estudo, com o intuito de desenvolverem e aprimorarem sua bagagem de conhecimentos e experiências. Estas modalidades de intercâmbio cultural sem dúvida portam uma novidade de vivências positivas, que podem resultar também numa maior facilidade para estes jovens de conseguirem uma melhor posição no mercado de trabalho, além do enriquecimento pessoal. Do ponto de vista pedagógico, o autor iluminista Jean Jacques Rousseau também já sugeria que, para Emílio¹ finalizar seus estudos, deveria realizar uma viagem para outro país.

De todo modo, a sociedade globalizada já existe e é uma realidade inquestionável e inequívoca. A globalização relativizou as fronteiras geográficas, mas

¹ Ver em ROUSSEAU, J. J. *Emilio ou da educação*. 1999.

precisa ser compreendida em seu movimento psicológico. Hoje, um dos grandes mercados econômicos é mobilizado pelo público jovem, e nesse aspecto, compreender a “aldeia global” na qual o jovem se insere pode auxiliar tanto os pais, professores e líderes políticos a gerir uma sociedade que propicie ao jovem o seu necessário desenvolvimento que implica sua responsabilidade pessoal.

É fundamental a compreensão das formas de mentalidade que estão determinando o movimento acelerado de estudantes de um país a outro e especialmente gerando necessidades que não se limitam as fronteiras histórico-geográficas. Principalmente porque, se entendermos este fenômeno do ponto de vista do desenvolvimento humano e social pode-se compreendê-lo como um fator de sustentação da diversidade individual e da sociedade humana, de modo que exista a evolução qualitativa entre ambos.

No evento ocorrido em final em janeiro de 2001², na sede da ONU em New York, várias entidades do terceiro setor (brasileiras e estrangeiras), a A.I.I. (Associação Internacional de Informatização) e a A.I.O. (Associação Internacional de Ontopsicologia) pronunciaram-se sobre a importância e a necessidade de se desenvolver novas lideranças, com capacidades e responsabilidade na gestão do humano nos mais diversos setores da sociedade, especialmente nos âmbitos científico, tecnológico, econômico e político. Neste *meeting* o foco foi sobre os jovens serem o verdadeiro potencial e contingente de perspectiva futura, desde que preparados e formados para tal.

Por isso, pode-se perguntar: com que mentalidade, com que formação o jovem pode afrontar o problema do intercâmbio cultural, sob os mais diversos aspectos, e de modo com que igualmente desenvolva seu intelecto, seu protagonismo e sua liderança responsável no contexto da sociedade globalizada? Como conseguir desenvolver no jovem sua personalidade de forma tal que, ao interagir com a diversidade cultural, não caia em extremismos de rigidez mental ou ainda de absolutização de relativismos sociais que desembocam num solipsismo ou irresponsabilidade social?

2. TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO INTERCÂMBIO CULTURAL

Na primeira parte da pesquisa foi aplicado um questionário a um grupo de jovens 18 jovens, cujos objetivos foram: 1) avaliar a disponibilidade a experiências

² Trata-se da Conferência realizada por Meneghetti (2000) em Paris no Palácio da ONU em 20 de junho de 2000. Ver na Ver. *Nuova Ontopsicologia*, n.º.1/2, anno XVIII, giugno-dicembre 2000, Psicologica Ed., Roma, 2000.

interculturais; e 2) identificar fatores que podem restringir esta disponibilidade. Foi escolhido para esta pesquisa um grupo de jovens que fizeram intercâmbio internacional, tendo vivido ao menos 2 meses fora do país. O questionário compõe-se de três partes: 1) Dados biográficos e de auto-avaliação; 2) perguntas para medir a disponibilidade à experiência intercultural; 3) depoimentos.

1) Dados biográficos e de auto-avaliação

- O grupo constituiu-se de 18 pessoas sendo 54% do sexo feminino e 46% do sexo masculino, com idades concentradas na faixa de 16 a 25 anos, quando da realização do intercâmbio.
- Entre os homens, a maior concentração foi de primogênitos (67%), enquanto entre as mulheres, a maioria (57%) foi de secundogênicas.
- Quanto ao nível de instrução, o Quadro 01 resume as informações para a época do intercâmbio e para a época atual.

Quadro 01 – Nível de instrução

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	INTERCÂMBIO	ATUAL
1º GRAU COMPLETO	8%	0%
2º GRAU INCOMPLETO	31%	8%
2º GRAU COMPLETO	8%	0%
UNIVERSITARIO INCOMPLETO	46%	31%
UNIVERSITARIO COMPLETO	8%	46%
POS-GRADUACAO COMPLETO	0%	15%
TOTAL	100%	100%

Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

- Quanto ao estado geral de saúde, os jovens se auto-avaliaram como tendo um bom nível de saúde, tanto na época do intercâmbio, quanto atualmente.
- Em relação às questões de auto-avaliação, nota-se que os jovens, após a experiência intercultural do intercâmbio, melhoram suas avaliações em praticamente todas as esferas avaliadas: nível geral de auto-aprovação, relações sociais, cuidado com a própria estética, nível de ambição, inteligência e de sucesso econômico.
- Chama atenção a variação na auto-avaliação quanto ao sucesso econômico. Isso, como veremos, deve-se ao fato que 77% dos jovens não eram ativos economicamente antes da experiência intercultural.

Quadro 02 – Auto-avaliação

AUTO-AVALIAÇÃO	INTERCÂMBIO			ATUAL			VARIÇÃO
	MEDIA	MEDIANA	DESVIO	MEDIA	MEDIANA	DESVIO	
GERAL	8,2	9	2,3	9,5	10	0,7	+17%
BEM RELACIONADO	8,2	8	1,9	8,6	9	1,4	+6%
CUIDADO ESTÉTICO	6,5	7	2,4	8,2	8	1,4	+26%
AMBIÇÃO	8,5	9	1,6	9,1	9	1,0	+6%
INTELIGÊNCIA	8,2	8	1,6	9,1	9	0,9	+11%
SUCESSO ECONÔMICO	3,1	2	3,4	6,1	7	3,2	+98%

Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

AUTO-AVALIAÇÃO - INTERCÂMBIO X ATUAL

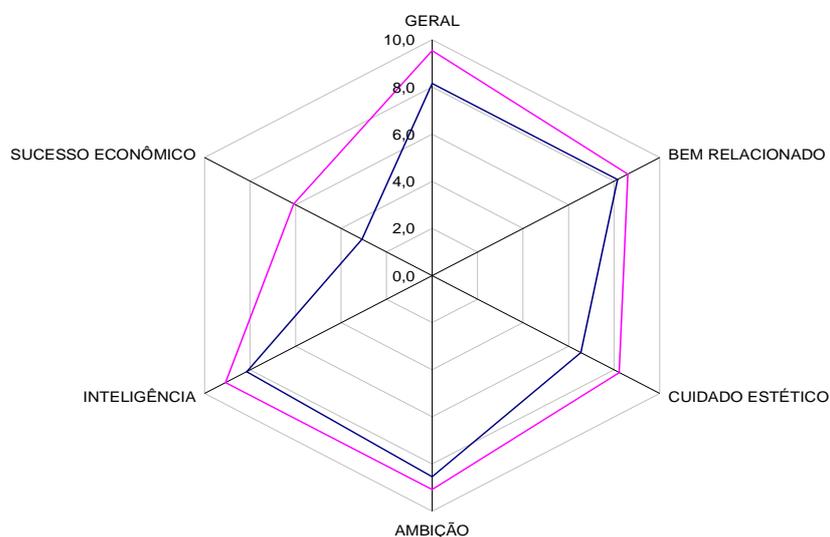
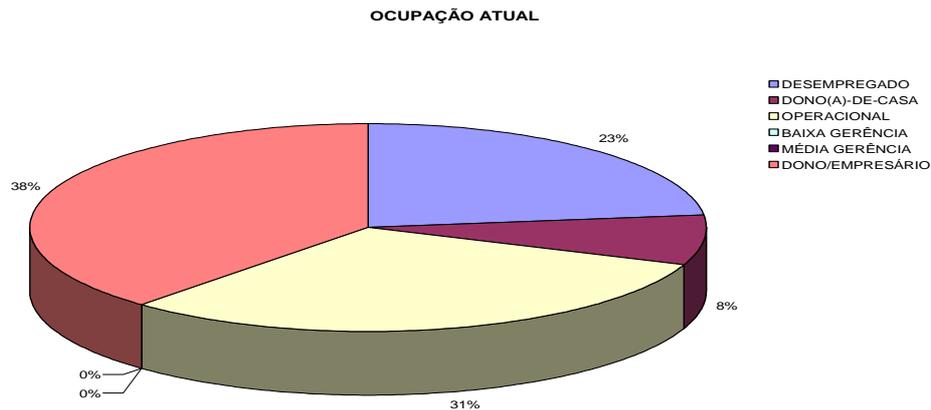


Gráfico 01: Em lilás a auto-avaliação dos jovens após o intercâmbio e, em azul, a auto-avaliação antes do intercâmbio.

Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

- Após o intercâmbio, o número de “desempregados” cai de 77% para 23%, revelando também, nos casos onde se passaram mais anos, o surgimento de um bom número de empresários (38%).

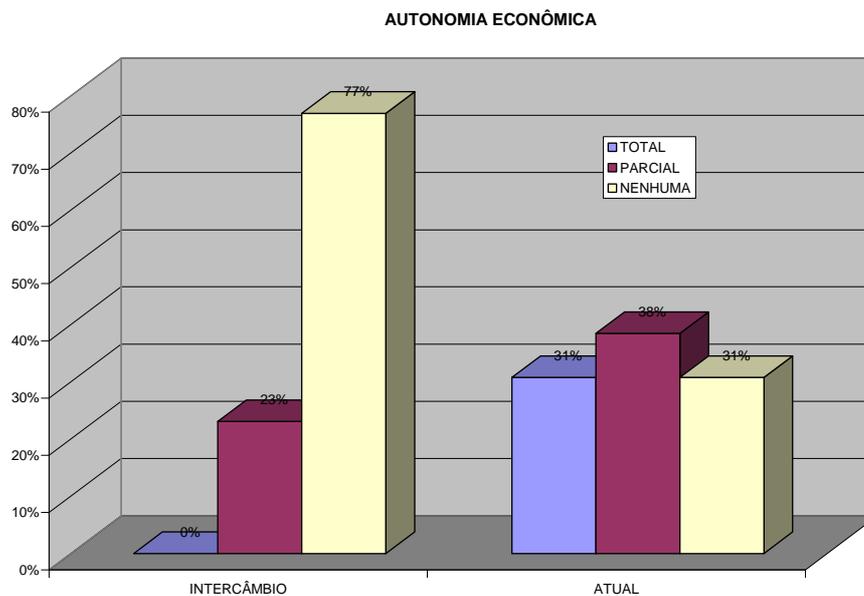
Gráfico 02 – Ocupação atual



Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

- Revelou-se, igualmente, uma sensível redução no índice de jovens sem qualquer autonomia econômica (ver gráfico 03).

Gráfico 03 – Autonomia Econômica



Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

2) Interculturalidade

A segunda parte do questionário investigou as relações desse estudo, nela, os sujeitos responderam quanto cada uma das frases apresentadas corresponde, de 0 a 10, à experiência vivida durante o intercâmbio, indicando também o quanto cada frase corresponde à experiência do grupo com o qual conviveu durante o intercâmbio.

As perguntas tiveram o escopo de compreender o quanto o sujeito foi disponível ao diálogo intercultural e a capacidade de aceitar e incorporar outras culturas. Buscou-se formar um “**índice de disponibilidade intercultural**” por meio do questionário aplicado.

Aqui cabe um importante questionamento: que fatores estão relacionados à *não-disponibilidade ao diálogo intercultural*? Uma análise psicológica mais apurada revelaria que essa não-disponibilidade deve ser investigada na raiz dos estereótipos do sujeito. Os estereótipos são modelos de comportamento considerados válidos pelo sujeito, mas não demonstrados como tais. São módulos de comportamento, em si e por si neutros, mas que podem se tornar não-funcionais se o sujeito os utiliza de modo inadequado ao contexto espaço-temporal no qual se encontra (MENEGETTI, 2004). Ou seja, *um sujeito pouco disponível ao diálogo intercultural é, sobretudo, um sujeito que considera absolutos seus próprios estereótipos.*

Para dar conta desse questionamento não se poderia adotar perguntas que correspondessem ao lugar, a cultura, o período histórico do intercâmbio e sim, se deveria colher dois aspectos fundamentais: 1) quanto o sujeito é disponível à experiência intercultural; e 2) como ele se auto-avalia em relação ao seu grupo de contemporâneos. Seguem as respostas dos 18 pesquisados no quadro 03.

Quadro 03 - Questões da 2ª parte do questionário:

	FRASE
1	Fiz intercâmbio em um país cuja cultura era totalmente diversa da minha
2	Freqüentava locais diversos dos que habitualmente freqüentava no meu país
3	Comia tranquilamente pratos da cultura local onde fiz intercâmbio
4	Aprendi a fazer pratos da culinária local do país onde fiz intercâmbio
5	Li obras dos autores do país onde fiz intercâmbio durante minha permanência
6	Dominei a língua local durante o intercâmbio
7	Adquiri novos hobbies: esporte, arte, etc.
8	Tive uma relação afetiva ou flertes com pessoa(s) do país do intercâmbio
9	Não tive uma relação afetiva ou flertes com pessoa(s) do meu país durante o intercâmbio
10	Fiz grandes amizades com pessoas do país do intercâmbio
11	Fiz grandes amizades com pessoas do meu país durante o intercâmbio
12	No meu retorno, mudei algo de importante em minha vida (carreira, estudos, afetos, etc.)
13	Mantive contato com os novos amigos do exterior após o intercâmbio
14	O intercâmbio foi fundamental em minha vida futura (carreira, estudos, afetos etc.)
15	Mudaria definitivamente, com prazer, para o país onde fiz intercâmbio
16	Trabalhei para me sustentar durante o intercâmbio
17	Viajei na companhia exclusiva de amigos estrangeiros durante o intercâmbio
18	Convivi com alguma família do local onde fiz intercâmbio

Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

Para tornar possível uma análise de significado, elaborou-se dois índices: um para avaliar a disponibilidade ao diálogo intercultural; e outro para avaliar a distância entre a disponibilidade ao diálogo intercultural do sujeito e aquela que ele atribuiu ao grupo do qual fez parte durante o intercâmbio.

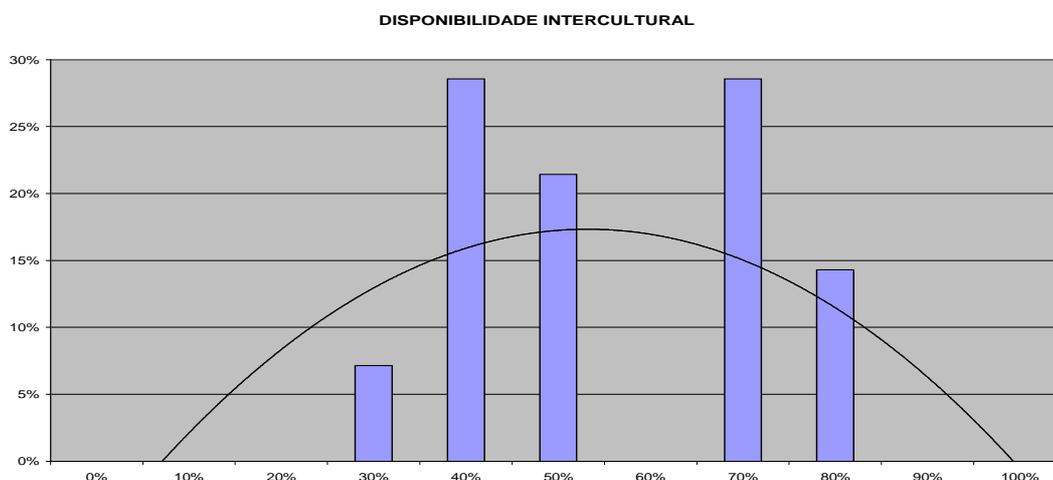
O *Índice de disponibilidade intercultural*, não depende das respostas que o sujeito atribuiu ao grupo, mas apenas daquelas que ele atribuiu a si mesmo. As perguntas são elaboradas de modo que, quanto maior é o valor atribuído às respostas, de 0 a 10, maior é a abertura, ou disponibilidade, ao diálogo intercultural. O índice elaborado foi da média aritmética dos valores das respostas:

$$\text{Disponibilidade Intercultural} = \Sigma_i P / N$$

Já a variável *Distância entre o sujeito e o grupo*, foi calculada da seguinte forma: a) para cada pergunta, calcula-se o valor do quadrado da diferença entre a resposta do sujeito e aquela que ele atribuiu ao grupo para a mesma pergunta; b) o resultado deve ser dividido pelo número de perguntas ($N = 18$), extrai-se a raiz quadrada do total, obtendo-se finalmente um número entre 0 e 10.

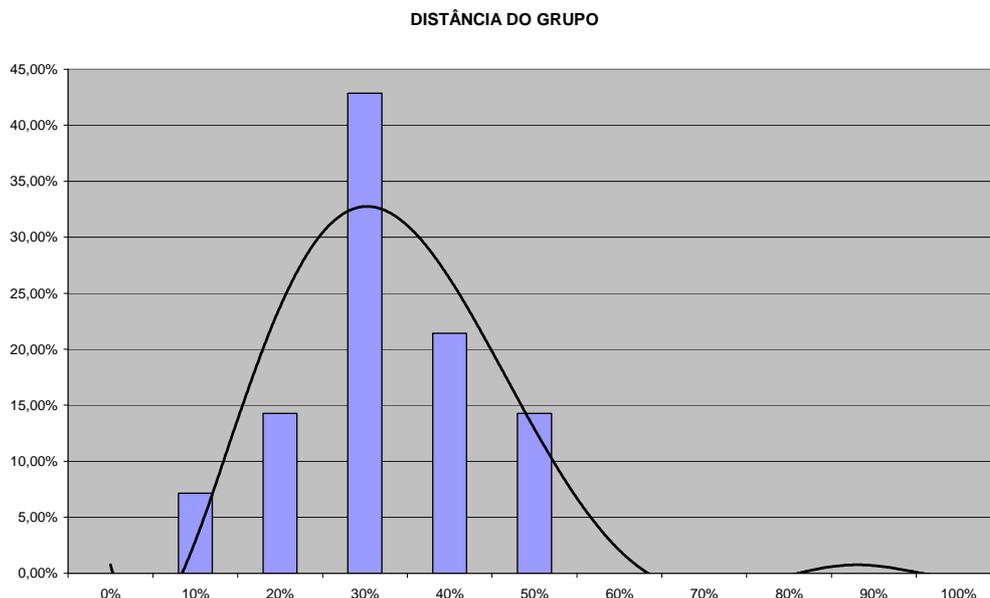
$$\text{Distância Sujeito-Grupo} = \sqrt{\Sigma_i (P_i - G_i)^2 / N}$$

Por meio deste artifício matemático, pode-se avaliar se o sujeito se considera mais ou menos disponível às experiências interculturais, ou seja, temos uma medida indireta do quanto é rígido ou flexível em relação aos próprios estereótipos. A 2ª parte do questionário avalia a disponibilidade à experiência intercultural. A figura a seguir expõe a média de “*Disponibilidade Intercultural*” do indivíduo em relação ao grupo que é igual a 60%, com mínima de 34%, máxima de 84%, mediana de 58% e desvio padrão de 15%.



Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

- Entre o sujeito e o grupo, a *Distância* média é igual a 36%, com mínima de 19%, máxima de 56% e desvio padrão de 10%.



Fonte: dados da pesquisa 2008/2009

Deve-se ainda considerar nas respostas que se trata de um grupo que *decidiu realizar intercâmbio internacional*, portanto, já se espera uma boa disponibilidade às experiências interculturais. A mediana de 58% com um desvio padrão de 15% nos indica, no entanto, uma disponibilidade média, o que indica em relação ao grupo um baixo índice. A seguir destaca-se uma avaliação quanto ao significado das respostas de algumas questões:

1ª) 64% dos jovens optaram por países com cultura bem próxima à sua. 21% consideraram que a cultura do país do intercâmbio era mediantemente diversa da própria e apenas 14% escolheram países com cultura totalmente diversa;

2ª) 50% dos jovens não freqüentavam locais diferentes dos que já habituava freqüentar no próprio país e 29% freqüentava locais realmente diferentes;

3ª e 4ª) alimentar-se com a culinária local para os jovens não representava um problema: 71% responderam com notas maiores ou iguais a 7, porém, 84% dos jovens não aprenderam nenhuma receita do país onde fizeram o intercâmbio;

5ª e 6ª) 86% dos jovens responderam que dominavam a língua, embora 71% dos jovens não leram uma obra sequer de escritores do país onde fizeram o intercâmbio;

7ª) apenas 29% dos jovens afirmaram ter adquirido um novo hobby durante o intercâmbio;

8ª e 9ª) na esfera afetiva, 50% dos jovens tiveram relações afetivas ou flertes com pessoas do outro país; enquanto 50% com pessoas do próprio país;

10ª e 11ª) os jovens apresentaram um índice muito próximo de “grandes amizades”, tanto do país onde viveram, quanto do próprio país de origem (43%);

12ª) cerca de 64% dos jovens mudaram algo importante na própria vida quando retornaram (carreira, afetos etc.), representando um índice significativo;

13ª) quanto a manterem contato com os novos amigos, apresentando alguma contradição com as perguntas 10ª e 11ª, apenas 36% dos jovens de fato mantiveram um contato mais estreito;

14ª) cerca de 79% dos jovens consideraram que o intercâmbio foi fundamental para a vida futura (carreira, estudos, afetos etc.);

15ª) destaca-se a pergunta: “Mudaria definitivamente, com prazer, para o país onde fiz intercâmbio”, para a qual 71% não mudaria, respondendo com nota “0” e alguns poucos distribuídos até “5”, contra 29% que mudaria;

16ª) quanto a ter trabalhado fora do país, 71% não trabalharam, contra apenas 29% que trabalharam, indicando um interesse mais centrado na experiência pessoal que profissional;

17ª) em contradição com as perguntas 10ª e 11ª, 64% dos jovens não fizeram viagens na companhia exclusiva de amigos do outro país, contra 36% que o fizeram;

18ª) 71% tiveram a experiência de viver com outra família do outro país, contra 29% que viveram de maneira autônoma em algum tipo de moradia estudantil.

Portanto, no seu conjunto, pode-se inferir que os jovens que fazem intercâmbio têm inicialmente uma boa disponibilidade a experiências interculturais, porém, uma análise mais atenta revela certo grau de superficialidade no modo como vivem essa oportunidade.

c) Depoimentos

Solicitou-se que os sujeitos pesquisados descrevessem em que sua experiência de intercâmbio foi mais significativa. Houve destaque em relação ao trabalho considerado por vários o fator que permitiu uma maior absorção da nova cultura. Seguem os depoimentos:

- *A experiência que considero mais importante foi o trabalho como babá. Dependi da ajuda financeira dos meus tios apenas no começo, depois consegui aperfeiçoar o inglês e comecei a trabalhar. Além de ter sido o meu único*

recurso financeiro na época, no qual conseguia viajar, passear e fazer compras, aprendi a ter mais responsabilidade e também percebi que nunca terei filhos...

- *Em 2007 trabalhei durante 12 meses em um hotel na cidade de San Diego. Para mim, diversos aspectos foram importantes, como: amigos americanos e de outros países, contato diário com uma família americana/brasileira e desenvolvimento da língua inglesa e espanhol. Porém, o que carrego de mais valioso comigo e a experiência profissional que obtive durante o meu estagio. O contato diário com os profissionais da área de hospitalidade foi muito enriquecedor. E, atualmente tenho consciência de que esta experiência internacional é um diferencial no meu currículo.*
- *O mais importante resultado deste intercâmbio foi ter, pela primeira vez, relativizado meus costumes, hábitos e opiniões, percebendo que o mundo é muito mais do que aquilo que estamos acostumados a ver dentro de casa ou na escola.*
- *Foi sem dúvida terminar o segundo grau. Me coloquei o objetivo de ter o diploma europeu e não foi nada fácil. Era uma outra cultura de estudo, das 8h00 as 16h00, o nível de dificuldade era bem maior, mas mesmo assim percebi o quanto poderia evoluir intelectualmente, e me deu auto-estima. Lembro-me ainda hoje das aulas de francês onde discutíamos Sartre, sua vida e suas obras, as provas orais onde estudei durante uma semana ininterrupta todas as escolas da literatura francesa desde a Idade Média (algo inexistente para o Brasil), as aulas de inglês com um típico inglês, as aulas de física sobre física quântica, as aulas de educação física onde praticávamos ginástica olímpica (socorro!!), as aulas de história onde íamos in loco visitar campos de concentração para compreender a segunda guerra mundial, as aulas de matemática onde percebi o quanto o ensino brasileiro é forte (era a melhor da turma nesta disciplina de integrais e derivadas, algo jamais visto antes em meus estudos no Brasil), e por fim a formatura: trabalhamos, montamos um festival cultural, arrecadamos dinheiro e fomos à Turquia. Enfim, o estudo me oportunizou a maior oportunidade em minha experiência de intercâmbio pois desenvolvi meu intelecto e hoje me inspiro no modelo europeu de ensino em minha vida profissional.*
- *Aprender a me virar sozinho, gastar pouco e surfar.*
- *A experiência mais importante para mim no intercâmbio que fiz, foi entrar em contato comigo mesmo. Mais que aprender a língua local, aprendi a me escutar e a me reequilibrar e ir atrás do que realmente eu quero! Quando voltei para o Brasil pude colocar em prática esta minha qualidade adquirida e me redirecionei em minha profissão.*
- *Considero que minha experiência com pessoas de outros países foi muito importante para mim. Tive muito contato com cinco meninas de países diferentes, e pude conhecer culturas, costumes e até um pouco do idioma de algumas. E também, morar fora, conviver com uma família que não conhecia, me fez amadurecer muito, trago lembranças boas até hoje.*
- *Fiz cursos em áreas totalmente novas para mim, como filosofia e arte, freqüentei muitos museus de arte antiga e também contemporânea, fiz inúmeras viagens sozinho ou com amigos locais, o que também foi muito bom, pois aprendi a estar mais só do que antes da viagem. Em suma, o intercâmbio foi fundamental no meu amadurecimento e também me ajudou a definir melhor o que fazer da minha vida, justamente porque tive momentos de boa solidão.*

- *Acredito que sair do seu país, ir sozinho para um país com uma língua diferente e cultura diferente, e principalmente, conviver com uma família que não tem nada a ver com a sua, é uma das experiências mais incríveis que pode existir. Aprendi a compreender as pessoas, por mais diferentes que elas fossem, entendi que não preciso concordar com o estilo de vida ou opiniões delas, apenas tenho que respeitá-las. Conheci poucos ingleses, mas fiz muita amizade com japoneses, espanhóis, italianos, húngaros e muçulmanos. Pude deixar um pouco da minha cultura com eles, e trouxe um pouco da cultura deles comigo. No ângulo profissional, meu emprego nada me acrescentou, ganhei pouco e aprendi praticamente nada, servia apenas para me divertir, já que eu era menor de idade e não podia entrar em boates. Consegui me adaptar facilmente com as regras da casa, e obedecer ordens de pessoas que não eram meus pais de verdade, o que até então eu tinha muita dificuldade. Isso sim foi um aprendizado para vida pessoal e profissional. Mas resumindo todas as minhas experiências, a mais importante delas com certeza foi perceber que eu estava ganhando minha independência.*
- *Todas as experiências são fundamentais durante o intercâmbio! Posso dizer que talvez o mais importante seja o quanto você aprende a "se virar", fazer as coisas por si mesmo. Isso traz um crescimento e amadurecimento muito importante para sua vida. Para mim, foi muito válido e com certeza, o intercâmbio fez grande diferença na minha vida!*
- *Conhecer novas culturas, não só do país que está visitando, mas sim das pessoas que estão fazendo o mesmo que você também. Conhecer, ter contato com outras línguas além da falada no país que está visitando. Visitar novos lugares, fazer novas amizades, adquirir experiência de trabalho e/ou estudo já que no nosso país isso é tão valorizado para o mercado de trabalho.*
- *A experiência que ninguém explica é quando você está aprendendo outra língua, outra cultura, outras leis, é como se você tivesse em outro mundo completamente diferente. O que é muito valoroso é o valor que você aprende que o trabalho tem, o valor de seus pais pela boa criação que você tem e pelo caráter que você possui. Você aprende a cuidar de você mesmo sem depender de ninguém. O brasileiro é um povo muito quente, com muito calor humano e um povo muito bonito, e muito dependente também. Os estrangeiros são muito mais independentes. Em termos de educação geral, na Austrália o povo é muito mais honesto que no Brasil. A diferença de governo e de sistema político é ridícula!!!! Mas em minha opinião o que foi mais importante, foi descobrir sobre eu mesmo, vivendo com pessoas que tem costumes diferentes, prioridades diferentes, e objetivos diferentes, e quantas pessoas que não tem objetivos. Se eu pudesse descrever o quanto minha vida mudou em 2 anos, eu poderia digitar um livro. Resumidamente, o intercâmbio foi a melhor coisa da minha vida!!!! Sou uma nova pessoa cheia de planos e expectativas. Não sou mais um desempregado brasileiro e infeliz.*
- *Viver sozinho foi minha melhor experiência. Aprendi a controlar os gastos, lavar roupa, deixar a casa organizada e receber visitas. Foi muito bom. Fora os lugares que tive a oportunidade de conhecer.*
- *Fiquei em Swanage, Inglaterra, e o que mais gostei foi de conhecer novos lugares. Conheci Oxford, Londres, Warwick. Acho que o intercâmbio me valeu mais para turismo, que para aprendizado do Inglês.*

3. O RESIDENCE ONTOPSICOLÓGICO COMO UM INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DA RESPONSABILIDADE DO JOVEM

A primeira etapa da pesquisa isolou algumas variáveis e demonstrou que os jovens, quando fazem intercâmbio, realizam algumas aprendizagens importantes, principalmente no que se refere a aquisição de elementos culturais e aprendizagens diversificadas. Entretanto, no que se refere ao fator responsabilidade, e principalmente em adquirir uma estrutura de aprendizagem flexível pode-se notar que esse tipo de experiência não é diretamente correlata ao aumento de responsabilidade e de superação de estereótipos mentais. Pois, verificou-se que os mesmos não foram capazes de provocar mudanças duradouras no estilo de vida dos jovens. E se provocaram mudanças, não seria apenas a substituição de um estilo por outro? Como conhecer a própria identidade de pessoa, capaz de manter o jovem seguro internamente para interagir com liberdade externamente?

Para responder a essas inquietações, a segunda parte deste trabalho se propôs apresentar a metodologia do *residence* ontopsicológico, um instrumento de autoconhecimento que possibilita ao jovem uma mudança do estilo de vida, sem necessariamente sair do país, mas entrar no profundo de sua personalidade³.

O *residence*⁴ é um dos instrumentos utilizados pela ciência ontopsicológica para a autenticação da pessoa (MENEGETTI, 2005). É um estágio de imersão total para a revisão crítica na estrutura da personalidade, “é uma verificação para ver se o próprio modelo de vida, além de ser sadio, está também em gestão eficiente, em êxodo vencedor” (p. 153). Durante o processo do *residence* a pessoa coloca-se em forma e obtém a diretividade especificada aos objetivos concretos de sua existência.

De forma geral, um *residence* de autenticação varia entre três e sete dias e o grupo de participantes pode variar de dez a vinte pessoas. O local em que acontece o *residence* deve ser um ambiente ecologicamente sadio e simples, construído dentro de uma cultura humanística que permita aos participantes um contato amistoso e reestabelecedor com a natureza terrestre da qual também os homens fazem parte. (MENEGETTI, 2005).

³ Tese defendida por Josiane Barbieri na Universidade Estatal de São Petersburgo no ano de 2003 cujo título é “Intensificação da responsabilidade individual e do desenvolvimento pessoal nos jovens, através dos instrumentos de intervenção Ontopsicológica – Psicoterapia e Residence de Autenticação” no curso de Especialização Profissional em Psicologia com orientação em Ontopsicologia, sob a orientação da Dr^a. Natália Grischna, *Gran Doctor Nauc*.

⁴ Para maiores aprofundamentos ver MENEGETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: OntoEd, 2004. e MENEGETTI, A. *O Residence Ontopsicológico*. Recanto Maestro: OntoEd, 2005.

O ambiente humano de um *residence* também é agradável, com uma convivibilidade sadia entre os participantes que têm entre si o mesmo objetivo de imersão e introspecção com sério compromisso pessoal. É importante que seja respeitado o absoluto aspecto privado da livre escolha e disponibilidade de cada participante em cada momento do *residence*. (MENEGETTI, 2005).

O caráter de imersão, isto é, o distanciamento do indivíduo do seu ambiente social, ausenta o sujeito do seu costumeiro modo de vida onde já estão estruturadas todas as suas relações, estereótipos e modelos de comportamentos. Desta forma ele pode avaliar de modo prático o que em sua vida cotidiana é cômico e o que é distônico ao seu bem estar e desenvolvimento criativo.

Um ontopsicólogo, técnico capaz, conduz as atividades durante este “estágio residencial” de modo a operar, isto é, trazer à evidência as potencialidades que fundam cada um dos participantes. O papel do terapeuta é instigar os participantes à possível novidade de si mesmos e exaltar os valores da vida com a evidência do projeto vencedor que cada um é.

Essa pesquisa, de abordagem quali-quantitativa foi desenvolvida com 48 jovens, divididos em três grupos: o grupo G1 – Antes de um *Residence* de Autenticação; o grupo G2 – Depois do *Residence* de Autenticação; e o grupo G3 – Controle.

Os G1/G2 foram compostos pelos mesmos 24 jovens, os quais, antes do *Residence* de Autenticação, já estavam em processo de autenticação ontopsicológica individual e que, em seguida, se submeteram ao *Residence* de Autenticação com duração de três dias. Sua idade variou entre 15 e 25 anos. 13 eram do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Conforme a ordem de genitura, tinha-se 11 primogênitos, 12 secundogênitos e um filho único. Quanto à formação, seis dos jovens tinham nível superior, sendo que um deles já era pós-graduado e um estava cursando pós-graduação; dois dos jovens tinham apenas finalizado o ensino médio e dois deles ainda o cursavam, 14 deles eram estudantes universitários. Desse grupo, seis dos jovens já exerciam uma profissão, enquanto os outros 11 apenas estudavam. Quanto à religião, dez eram católicos não praticantes e 11 referiram não praticar e não ter religião. Haviam ainda dois espíritas e um luterano, porém todos não praticantes. 12 destes jovens eram originários de capitais e 12 de cidades interioranas.

A idade dos pais deste grupo variou de 42 - 65 anos, sendo um deles já aposentado, dois empresários e os demais exercendo profissões variadas. A idade das mães variou dos 36 - 60 anos, sendo seis delas professoras, três empresárias, uma

estudante, uma falecida e as demais exerciam profissões diversas. O número de irmãos de cada jovem variou de 0 - 3. Quanto à influência na escolha profissional, a maioria indicou não ter sofrido influência na escolha. Somente seis jovens disseram ter tido influência do pai, de amigos, dos negócios da família ou de profissionais das respectivas áreas de atuação.

O G3 era composto de 24 jovens, que não conheciam a Ontopsicologia e foi denominado grupo de controle. Este grupo foi composto por 23 jovens solteiros e um casado, com idades entre 17 - 24 anos, sendo 11 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Conforme a ordem de genitura, dez eram primogênitos, 12 segundogênitos e dois eram filhos únicos. Quanto à formação, quatro dos jovens eram já graduados em um curso superior, sendo que um deles cursava o mestrado. O restante era composto por nove jovens com ensino médio completo e um deles com ensino médio incompleto; dez dos jovens tinham o curso superior incompleto. Neste grupo, dez já exerciam uma profissão e um fazia estágio, enquanto os outros 13 eram apenas estudantes. Com relação à religião, 12 dos jovens eram católicos, sendo que somente um deles era praticante, um era evangélico e o restante de 11 jovens não praticavam e nem tinham uma religião. Com relação à origem, 13 tinham nascido em capitais e 11 no interior.

A idade dos pais do G3 variou de 43 - 73 anos, sendo que seis deles já eram aposentados. Quanto à profissão, um deles era empresário, dois comerciantes e os demais exerciam profissões variadas. A idade das mães variou entre 39 - 63 anos, sendo duas aposentadas, cinco que não exerciam nenhuma profissão, duas professoras e as demais exerciam profissões diversificadas. O número de irmãos de cada jovem variou de 0 - 3. Quanto à influência na escolha profissional, somente cinco disseram ter tido influência em suas escolhas seja pelos negócios da família, pai ou conhecimento prévio da profissão.

Para a coleta dos dados desta pesquisa foi elaborado um questionário, o qual foi submetido a um exame preliminar e criterioso, com um grupo piloto de dez jovens, escolhidos aleatoriamente. A partir dos resultados obtidos e analisados, o mesmo foi aprimorado, sendo que o questionário semi-estruturado composto de duas partes: 1ª) composta de dados de identificação (questões 1 a 12): idade, sexo, estado civil, profissão, formação, influência na escolha profissional, religião e prática da mesma, idade e profissão dos pais, número, idade e sexo dos irmãos, cidade de origem; 2ª) foi aplicada antes (G1) e depois do *residence* (G2) e uma vez para o G3, refere-se aos dados da pesquisa propriamente dita (questões 13 a 36), a qual ficou assim estruturada:

hobbies atuais e futuros, ocupação nas horas vagas, conceito de família, a família no futuro, aplicação do dinheiro, objetivo de vida, fatores que influenciam a auto-realização, meios atuais e futuros para a auto-realização, idiomas, conhecimentos, grau de instrução pretendido, conceito de liberdade, importância do sexo e afeto, ideais, conceito de poder aliado ao voluntarismo, conceito de felicidade, cuidados com o corpo e consigo mesmo, valor da amizade, função do companheiro (a), papel da psicologia no futuro.

Toda a investigação buscou verificar como o instrumento do *residence* propicia o desenvolvimento do jovem. A análise centrou-se de modo específico em dois aspectos que favorecem de modo concreto o jovem realizar um avanço expressivo tanto no plano individual que social: a) responsabilidade individual e b) a necessidade de desenvolvimento pessoal do jovem. Realizando a análise das questões e cruzando os dados pode-se chegar a algumas indicações em relação a estes dois aspectos.

A primeira constatação é que os jovens que fazem psicoterapia ontopsicológica demonstraram-se mais responsáveis consigo mesmos e manifestam a necessidade de evolução pessoal mais intenso. Disso pode-se concluir que esse instrumento intensifica a responsabilidade individual e a necessidade de desenvolvimento de sua personalidade. O jovem começa a perceber que o primeiro bem, o primeiro grande recurso que ele possui é a sua vida. Desenvolver a sua personalidade é antes de tudo uma responsabilidade individual que deriva de um esforço contínuo. Por isso, quando se coloca em dialética com a sociedade, com os colegas, com os amigos, com os professores, com os pais, com o seu trabalho deve visar o desenvolvimento de seu potencial para que este seja explicitado, compreendido e evoluído de modo criativo.

Olhando por esse aspecto, não é em si o fato do intercâmbio que gera uma integração de sua personalidade, visto depender do modo que ele, interiormente, se posiciona em relação a essa experiência diversa de vida. Ainda que entendamos que o intercâmbio sempre possibilita uma experiência diversificada que pode provocar muito o jovem, se ele não estiver orientado para o desenvolvimento de sua responsabilidade e desenvolvimento pessoal, poderá interagir com outras culturas e compreender que não precisa amadurecer como pessoa e, que a intensidade de maturação apenas depende de realizar um tipo de experiência como essa, e não de um contínuo processo de responsabilidade pela sua existência.

Justamente neste aspecto é que o instrumento do *residence* ontopsicológico demonstra ser muito eficiente no desenvolvimento da responsabilidade individual e da

necessidade de desenvolvimento pessoal contínuo. Esse instrumento focaliza a interioridade do jovem e lhe possibilita elementos e indicações apropriadas para chegar a um processo de uma *performance* de desenvolvimento individual. De todo modo, essa diretividade é sempre coordenada com o seu potencial de natureza vital interior, sua identidade, porque apenas assim pode chegar de modo autêntico ao sucesso.

Esse instrumento, como principal resultado, responsabiliza o jovem por seu crescimento, ser por si mesmo = “*per se esse*”, ser pessoa (MENEGETTI, 2001), assim, ele mesmo busca as causas dos seus erros porque possui a bússola interior para seguir a sua própria estrada, estrada essa realizada no contexto social que possui regras as quais deve saber e respeitar se quer chegar onde sua ambição aponta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jovem está realmente preparado para a interculturalidade? Faz isso como contribuição de valor à construção de si mesmo de sua responsabilidade e incremento em seu estilo de vida como uma forma de desenvolvimento pessoal e da realidade social? Ou faz para conquistar espaços nos postos de trabalho?

Por meio deste estudo, pode-se compreender que para afrontar os dilemas da sociedade globalizada e dos inúmeros problemas que ela traz do ponto de vista da saúde psíquica dos jovens, as iniciativas de intercâmbio culturais, cada vez mais recorrentes, não necessariamente responde aos profundos dilemas do desenvolvimento dos jovens.

A primeira parte deste estudo demonstrou duas grandes conclusões: a) a importância da vivência em outra cultura para a formação do jovem; b) o limite da experiência de intercâmbio para as transformações significativas no estilo de vida da pessoa (superação de estereótipos) e incremento de sua responsabilidade pessoal e social. A pesquisa indicou que apesar dos jovens terem percebido positivamente a experiência de vida em outro país contraditoriamente, mesmo vivendo lá, a maioria não se lançou a realizar experiências que fossem realmente inéditas e que se tornassem diferenciadas das que viviam em sua cultura de origem. Deste modo, evidenciou-se que os modelos mentais dos jovens quando partem para experiências interculturais são fixadas nas experiências de origem. Os modos de fazer, de falar, estilo de música, lugares que freqüentam, vão se constituindo em modelos comportamentais preferenciais e que depois determinam também modelos de pensamento. Estes, na medida em que não são trabalhados do ponto de vista educativo, podem se fixar e enrijecer, tornando a

experiência de vida fora do país uma simples mudança de ambiente, sem a necessária ampliação dos modelos mentais, assimilação de novos elementos culturais e possibilidades de vida humana. Para poder assimilar algo diverso, o jovem deve dispor-se a viver totalmente aquela nova experiência e se colocar na condição de estudar, de verificar, de analisar até que ponto, para ele, aquele estilo pode ser função de vida e quando pode dispor daquele modelo de comportamento humano.

Privados dos elementos formativos, os jovens acabam apreendendo pouco em relação à riqueza de possibilidades de interação e de novidades geradas. Alguns jovens conseguem, em maior grau, assimilar profundamente determinadas experiências. Mas o problema é que, não se trata de substituir um modelo cultural por outro modelo, mas de adquirir novos comportamentos, ferramentas existenciais que sejam úteis aos jovens na complexidade das relações sociais.

Por isso, a segunda parte desse trabalho demonstrou as transformações que o método do *residence* propicia para que o indivíduo não siga apenas as regras do conjunto de valores e normas sociais, mas que, sobretudo, ultrapasse as fronteiras também interiores, ou seja, de seu inconsciente. O trabalho estudou um processo formativo do jovem para ele ingressar em cada nova experiência com abertura de curiosidade e de aprendizagem. Assim, por meio de uma formação pautada em seu potencial de natureza, como o instrumento demonstrado neste estudo, do *residence* ontopsicológico, o jovem aprende a seguir como referência a orientação de sua interioridade, e não apenas as orientações dadas pelo processo educativo e por suas experiências no âmbito da sociedade assimétrica, transversal, legalizada, globalizada e multicultural. Confrontando sua interioridade com o mundo das oportunidades externas, o jovem aprende a desenvolver de modo equilibrado e integrado sua personalidade e isso lhe propicia um confronto maduro consigo mesmo (sensorialidade, emoções, memórias, pensamentos, sentimentos, consciência), perante todas as suas relações e âmbitos existenciais, assim como com seu corpo, sua família, seus amigos, companheiros, para chegar à responsabilidade social do ponto de vista econômico, político e social.

Com esse instrumento revela-se um excelente meio de estimular os jovens a criarem os meios adequados à sua ambição, ampliando a necessidade de desenvolvimento pessoal nas diversas esferas de sua vida tais quais de estudo, de experiências, de consciência etc. Deste modo, o princípio de qualquer cultura pauta-se

nos profundos valores do desenvolvimento humano, que não são válidos em si mesmos, mas o são na medida em que possibilitam ao sujeito desenvolver de modo integrado e contínuo sua responsabilidade individual, com conseqüente expansão social. O mundo é familiar para aquele que conhece a si mesmo, dado que “de nada adianta o vento estar a favor, se o marinheiro não sabe para onde vai”.

5. REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. São Paulo: Psicologica Editrice, 2001.

MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Perfil Profissional dos autores

Josiane Beatriz Piccin Barbieri

Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (1986), pós-graduação em Psicoterapia da Adolescência (1989) e Psicologia Social (1993) pela PUC/RS. Especialização Profissional em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo - Rússia (2003). Mestranda em Filosofia pela PUC/SP. Docente do MBA Business Intuition da Faculdade Antonio Meneghetti – Recanto Maestro – RS. Vice-Presidente da Associação Brasileira de Ontopsicologia. Empresária na área de Eventos e Consultoria Empresarial.

Érico Azevedo

Graduação em Engenharia Elétrica, doutorando em Filosofia pela PUC/SP. Especialização Profissional em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo - Rússia (2007). Tradutor de inúmeras obras de Antonio Meneghetti, entre as quais: "Psicologia Managerial", "Psicologia da Organização", "Atos do congresso internacional Business Intuition", "Imagem alfabeto da energia", "A esquizofrenia na ótica ontopsicológica", "Conhecimento ontológico e consciência", "Histórico sobre as teorias do conhecimento", "O Residence ontopsicológico". Professor de pós-graduação do MBA Business Intuition da Faculdade Antonio Meneghetti, Recanto Maestro, Rio Grande do Sul. Empresário.